

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

ADIR FELISBERTO DA ROSA

REGIONALISMO E EXALTAÇÃO DA CULTURA FRONTEIRIÇA:
UMA ANÁLISE DA OBRA *PELAS ORILHAS DA FRONTEIRA* (1981)
DO ESCRITOR HÉLIO SEREJO

JARDIM – MS
2015

ADIR FELISBERTO DA ROSA

Regionalismo e Exaltação da Cultura Fronteiriça:
Uma análise da Obra *Pelas Orilhas da Fronteira* (1981) do Escritor Hélio
Serejo

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras
Habilitação Português/Inglês da Universidade Estadual de
Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção
do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Neurivaldo Campos Pedroso Júnior

JARDIM – MS
2015

ADIR FELISBERTO DA ROSA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Regionalismo e Exaltação da Cultura Fronteiriça:
Uma análise da Obra *Pelas Orilhas da Fronteira* (1981) do Escritor Hélio
Serejo

APROVADO EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Dr.º. Neurivalvo Campos Pedroso Júnior – UEMS
Orientador

Prof.º Dr.º. Suely Mendonça – UEMS
1ª Examinadora

Prof.º. Dr.º. Marcos Vinicius Teixeira – UEMS
2º. Examinador

“Diga-me e eu esquecerei, ensina-me e eu poderei lembrar, envolva-me e eu aprenderei”.

Benjamin Franklin

.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por conceder forças para enfrentar essa jornada, a qual durou quatro anos.

Aos meus pais Sebastião Felisberto e Maria de Fátima, pelo apoio e pela motivação.

A meu orientador Profº Drº Neurivaldo Campos Pedroso Junior pelo auxílio no desenvolvimento desta monografia, pela paciência e credibilidade, igualmente a esta universidade (UEMS).

A meus colegas de sala os quais, na alegria ou na tristeza estávamos sempre junto um apoiando os outros.

RESUMO

O presente trabalho buscar conceituar a cultura sul-mato-grossense, com base na obra *Pelas Orilhas da Fronteira* (1981) do escritor Hélio Serejo, que nasceu na cidade de Nioaque/MS. Na parte teórica, levantaremos conceitos sobre cultura regional e regionalismo desde seu surgimento até concepções atuais, buscando elevar o que estado de Mato Grosso do Sul possui, que é um vasto campo para produções literárias. Tal campo corresponde à miscigenação a qual o estado é composto, além das divisas internacionais as quais circundam o estado (com o Paraguai e Bolívia), dando ênfase na região de fronteira Brasil/Paraguai, abordando alguns contos/relatos/crônicas da obra *Pelas Orilhas da Fronteira* (1981).

Palavras – chave: Hélio Serejo; *Pelas Orilhas da Fronteira*. Regionalismo. Mato Grosso do Sul.

ABSTRACT

The present work aims to conceptualize the culture of the state of Mato Grosso do Sul, based on the book *Pelas Orilhas da Fronteira* (1981) by Hélio Serejo, who was born in Nioaque/MS. In the theoretical part, we will discuss some concepts of regional culture and regionalism since its classical acceptions to the more recent conceptions, searching to highlight what the state of Mato Grosso do Sul has, that it a vast field to literary productions. This field corresponds to the miscegenation that forms the State, beyond the international borders that surround the State (with Paraguay and Bolivia), emphasizing the region Brazil/Paraguay, discussing some short stories of the *Pelas Orilhas da Fronteira* .

Keywords: Hélio Serejo; *Pelas Orilhas da Fronteira*. Regionalism. Mato Grosso do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I.....	11
1.1 Literatura Regional e Regionalismo.....	11
CAPÍTULO II.....	22
2.1 O Estado de Mato Grosso do Sul como objeto literário.....	22
2.2 Hélio Serejo.....	27
2.3 Obras.....	32
CAPÍTULO III.....	36
3.1 Pelas Orilhas da Fronteira.....	36
3.2“Palavrões”, Sexualidade, Roubo e Violência em “A Garrafa de Pinga Especial”.....	42
3.3 Contrastes em “ <i>El Viejito Poincaré</i> ”.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
BIBLIOGRAFIA.....	49
ANEXOS.....	51

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o termo identidade adquiriu um peso significativo no mundo, muito se fala sobre este assunto. Assim como a língua, o termo identidade é algo vivo, que passa por mutação, sofre transformação. Em um ambiente composto por uma grande variedade de etnias, línguas e cultura distintas, como em Mato Grosso do Sul, que, além de receber imigrantes de todo o país, ainda tem duas fronteiras internacionais, em que todos se misturam e formam novas configurações de identidade.

No presente Trabalho Monográfico, tomamos como ponto de partida a definição de Regionalismo/Literatura regional desde as acepções clássicas até concepções atuais. Definiremos o surgimento da literatura com temas regionais, dos quais a exaltação à peculiaridade da região do chão-cultural ao qual o escritor pertencia. A literatura regional ou sistema literário regional é a forma de “marcar” /caracterizar uma determinada região, usando os seguintes artifícios: a língua, a cultura, a economia e o povo e ainda marcando minuciosamente a vida social e a paisagem de um determinado local.

Em seguida, no segundo capítulo, abordaremos o estado de Mato Grosso do Sul como objeto Literário. Demonstraremos que estado de Mato Grosso do Sul possui vários “objetos” para serem exaltados em obras literárias. Há um amplo e vasto campo para estudos da cultura, dos costumes, dos hábitos, da língua desse povo. Tal variedade pode ser explicada por diversos fatores. Em primeiro momento podemos destacar a posição geográfica em que se encontra o estado, pois faz divisa com outros países (Paraguai e Bolívia), mesclando assim culturas e hábitos totalmente distintos uns dos outros. A divisão do estado em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, ocorrida em 1977 onde houve busca de identidade por parte do novo estado de Mato Grosso do Sul. Enfim, o Estado é formado por uma grande variedade de povos com hábitos e costumes totalmente distintos e, por estas e outros, nos tornamos um povo singular em relação ao restante do país.

No terceiro capítulo, discutiremos a vida e obra do escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo e ainda trabalharemos a obra *Pelas Orilhas da Fronteira* publicada no ano de 1981. Dentre os contos que compõe o livro, destacamos; “El Viejo Poincaré”, “O Padre Barbudo”, “Os Balbuenas”, “A espingarda, a rede e o ponchito”, “Barajo”, “Os dois maridos vivos”, “O coice da mula”, “O catre “ancho” e a rede”, “A garrafa de

pinga especial”, “Vanêra”, “Mestre”, “Cantiga Fronteiraça”, “Lua Fronteiraça”, “Cavalo”, “Sabiá-una”, “Chuva Fronteiraça”, “Zé Louco”, “O “cuestêro” filósofo”, “Alçaprima”, “Boi – cará”. Dentre tais contos/relatos abordaremos, “El Viejito Poincaré” e “A Garrafa de pinga Especial”. Faremos um breve passeio pelos textos, “Lua Fronteira”, “Cantiga fronteiraça” e “Chuva Fronteiraça”.

Partiremos de análise da variedade de linguagem empregada e os traços do estado de Mato Grosso do Sul e, até mesmo, os contrastes existentes em algumas obras.

CAPÍTULO I

1.1 LITERATURA REGIONAL E O REGIONALISMO

Literatura é a arte das palavras, é uma manifestação artística que emprega a palavra como matéria-prima, utilizando a língua como instrumento. Captar situações e sensações, da realidade de um povo e recriá-las ou transfigurá-las é papel do escritor. Independe do escritor ou da obra, sejam elas pequenas, médias ou grande, muitas nascem de recortes e abordagens de um objeto de reflexão (amizade, o amor, as decepções, a existência, os ervais, pantanais, guavirais, as fronteiras, dentre outros). As obras literárias apresentam características de uma época, de um lugar, correspondendo a um determinado “chão cultural” compartilhado, ou seja, nascem de abordagem em um lugar específico e a este se referem.

Sabemos que o estado de Mato Grosso do Sul é riquíssimo quando se trata de obras literárias, possui um representativo grupo de escritores, tais como Lobivar Matos, Hélio Serejo, Manoel de Barros que, apesar de ter nascido em Cuiabá, considerava-se sul-mato-grossense, Raquel Naveira, Flora Thomé, Elpídio Reis, Demosthenes Martins, Maria da Gloria Sá Rosa, dentre outros. Antes de discutirmos as características da obra do escritor Hélio Serejo, *Pelas Orilhas da fronteira*, escritor das paixões sul-mato-grossenses, que exalta suas “origens”, seu chão, seu povo, devemos primeiramente compreender a literatura regional e o regionalismo em todas as suas fases e formas. Considerando-se essa diversidade de escritores, que escrevem sobre um determinado lugar (região), recuperamos a afirmação de Nolasco, para quem:

Em relação à obra de nossos escritores sul-mato-grossenses, seriam incontáveis marcas e rastros de nomes e as assinaturas dos escritores/Autores, deixando-se refletir como num espelho trípico, onde suas escrituras são, simultaneamente, contraface da historia do local e do chão em que todos os três germinaram. (NOLASCO, 2012, p.53)

Para melhor entendermos a literatura regional, traçaremos um breve panorama do conceito de regionalismo, desde concepções de seu surgimento, no período do romantismo, até concepções atuais.

Ao observarmos, pelo viés romântico, regionalismo é a representação dos tipos humanos, das formas de vida social e de paisagens descritas de uma forma clara e objetiva. É um traço importante de definição de regionalismo, vai pontuando, “marcando” cada detalhe de uma determinada região, de tal forma a perpetuar um único modo de olhar aquele lugar. Surge dos traços da oralidade existente no país, das paisagens e de crenças populares. Assim descreve Picchio ao fazer um pequeno recorte do surgimento do regionalismo brasileiro:

Nasce a literatura “oral” na primeira pessoa, na qual quem escreve assume a função de registrador atento mas não participante do discurso captado e proposto ao leitor na sua imediata realidade lingüística: seja ele monólogo interior do eu autobiográfico, nivelador das categorias de tempo e espaço, seja o diálogo-monólogo de um terceiro, em relação ao qual o escritor não mais se permite colocar-se em posição de onisciência, a fim de poder traduzir em sua própria cifra os modos de expressão, mas do qual reproduz para o leitor, com um estranhamento que pretende ser objetividade científica, todas as relações de comportamento, e antes de toda a relação verbal. (...) A prosa regionalista nascera no último vintênio do século XIX sob a influência de Zola e de Eça de Queiroz, criando os primeiros tipos humanos e ambientais da galeria realista brasileira: o “mulato” de Aluísio de Azevedo, o “bom crioulo” de Adolfo Caminha, mas também o espaço-ambiente de O cortiço de Aluísio. (...) Próximo ao fim do século e no vintênio seguinte, contos e romances regionalistas tenderão, pelo contrário, com a criação de tipos humanos e ambientais, para sublimação e a valorização daquelas peculiaridades locais... Cada região oferece sua própria contribuição de modismo temático e expressivo, nascendo os grandes filões regionalistas... (PICCHIO, 1997, p. 382-384)

No Modernismo brasileiro, a partir da segunda metade dos anos 20, os ideais do movimento modernista conseguiram ultrapassar seus limites para além dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo (que era o eixo cultural até o período) o estilo ganhou a repercussão em vários estados do Brasil.

O movimento modernista no Brasil caracterizou-se por sua grande heterogeneidade, pois cada estado brasileiro possui uma característica única e inigualável. Sob tais perspectivas surge em 1926, após quatro anos da Semana de Arte Moderna que ocorreu em SP, o Manifesto Regionalista que, em se tratando de região/regionalismo/literatura regional, é de suma importância observar bem tal movimento.

Um exemplo de visada crítica acerca do regional pode ser observado em Gilberto Freyre que foi um escritor e sociólogo, a mais forte presença intelectual no Nordeste brasileiro desde o final do ano de 1920. Defendia arduamente as “tradições” nordestinas, suas ideias fizeram com que se aproximasse dos grupos Pau – Brasil ou Verdeamarelo em que propusera dar-se um maior valor aos assuntos afro-brasileiros, ameríndios, folclóricos, suburbanos, colocando como os melhores assuntos para a nova geração de artistas. Criticava também a linguagem bacharelesca (aquela linguagem extremamente rebuscada) defendendo a expressividade marcada pela fala popular e cotidiana que é o coloquialismo. Esse ideal de Freyre pode ser observado no trecho da poesia de Oswald de Andrade que deixa de lado a linguagem bacharelesca, que obviamente não é usada cotidianamente:

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da nação brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro
(OSWALD DE ANDRADE, Poesia Reunida)

Diariamente ninguém usa tal linguagem, aquela gramaticalmente correta, como diz o poeta o bom brasileiro em vez de dizer “Dê-me um cigarro” diz: “Me dá um cigarro”.

Ainda sobre o surgimento do regionalismo brasileiro observe a seguir os Programas do Centro Regionalista do Manifesto de 1926, publicada na obra *A semana de 22, A aventura Moderna no Brasil*, p.79:

1º - O centro Regionalista do Nordeste, com sede no Recife, tem por fim desenvolver o sentimento de unidade do Nordeste, já tão claramente caracterizada na sua condição geográfica e evolução histórica, e ao mesmo tempo trabalhar em prol dos interesses da região nos seus aspectos diversos que são eles sociais, econômicos e culturais.

2º - Para isso será o Centro constituído e organizado dentro da comunhão regional, aproveitando os bons elementos da inteligência nordestina, com exclusão de qualquer particularismo provinciano, quer quanto as coisas, quer quanto as pessoas.

3º - O Centro conservará a sua ação livre as injunções das correntes partidárias, colaborando com todos os grandes movimentos político que visem o (sic) desenvolvimento material e moral do Nordeste.

4º - Perante o Governo da União o Centro defenderá os interesses do Nordeste na sua solidariedade, sem sacrificar as questões fundamentais da região às vantagens particulares de cada estado.

5º - A fim de congregar os elementos da vida e da cultura nordestina, o centro proverá;

- a) Organizar conferencia, exposições de arte, visitas, excursões;
- b) Manter em sua sede bibliotecas e salas de leitura, onde achem representadas as produções intelectuais do Nordeste no passado e no presente;
- c) Promover cada ano ou de dois em dois anos, numa cidade do Nordeste, um congresso regionalista;
- d) Editar uma revista de alta cultura, *O Nordeste*, dedicada especialmente ao estudo das questões nordestinas e ao registro da vida regional.

Gilberto Freyre também apresentou alguns títulos dos capítulos do Manifesto de 1926, são eles:

- I. Regionalismo do Recife: que é?
- II. Nem separatismo nem bairrismo.
- III. Precisamos de uma articulação inter-regional.
- IV. O nordeste e o Brasil.
- V. Elogio do mucambo (sic).
- VI. Apologia das velhas ruas estreitas do Nordeste.
- VII. Defesa de outros valores regionais.
- VIII. Originalidade do 1º. Congresso Brasileiro de Regionalismo.
- IX. Defesa de valores plebeus e não apenas dos elegantes e eruditos.
- X. Pela reabilitação dos valores culturais do Nordeste.
- XI. As três regiões culinárias principais do Brasil.
- XII. Dívidas aos portugueses.
- XIII. Cunhães, negras e quitutes do Nordeste.
- XIV. Contribuições dos engenhos patriarcais para uma culinária regional.
- XV. Sobrados e casas nobres de cidade: sua contribuição para a culinária do Nordeste.
- XVI. Ameaças que hoje cercam os valores culinários do Nordeste.
- XVII. Mas nem tudo está perdido: apenas ameaçado.
- XVIII. Separando o regionalismo do simples esnobismo tradicionalista.
- XIX. Regionalismo e populismo.

XX. A civilização regional do Nordeste como expressão de uma harmonia de valores.

XXI. Onde estão os poetas, os romancistas, os contistas? Onde estão os pintores, os fotógrafos, os compositores?

Segundo Cosson (1998), o regionalismo, por si só, é duplamente entendido como a busca da identidade brasileira através do específico regional e como representação literária de uma determinada região.

De acordo com o dicionário Houaiss Concinsco, regionalismo é palavra ou locução de uma região, também pode ser um caráter da arte baseada na cultura de uma região. Recorri também, ao dicionário Novo Aurélio Século XXI, de Aurélio Buarque de Holanda (FERREIRA, 1999 p.1731) as seguintes acepções:

Regionalismo: 1. Doutrina que incrementa os agrupamentos regionais. 2. Sistema ou partido dos que defendem os interesses regionais. 3. Locução peculiar a uma região, ou a regiões. Liter. Caráter da literatura que se baseia em costumes ou tradições regionais.

Regional. 1. Relativo ou próprio a uma região; local. 2. Conjunto musical cujo repertório consta de músicas populares próprias de uma região, e cujos componentes usam, em geral, trajes típicos.

Região. 1. Grande extensão de terreno. 2. Território que distingue dos demais por possuir características próprias. (...)

Já para Hilda Orquídea Hartmann Lontra, ao fazermos uma leitura sobre as definições do dicionário Novo Aurélio, temos que reunir os termos por eixos semânticos: regionalismo igual a fracionalidade (agrupável, comum, típico, regional), tendo como base de delimitações a peculiaridade, o interesse comum, a extensão, as características próprias; porém todos os limites são arbitrários. Para sanar possíveis dúvidas, busquei definições no dicionário literário Shaw Harry (SHAW, 1982, p.123, 392), onde temos:

Cor local – emprega-se esta expressão em referência aos escritores literários que põem em destaques os particularismos de traje, de linguagem, de costumes, de determinada região. Os escritores que insistem na cor local procuram informar-nos acerca das peculiaridades duma determinada região, preocupando-se com a verossimilhança dos pormenores relativos ao dialeto dessa região aos aspectos da geografia local.

Regionalismo é a fidelidade dum escritor a determinada região geográfica, que se revela na cuidada representação da sua linguagem, usos, costumes, crenças, folclore, indumentária e história. Ver cor local. O regionalismo é um elemento presente em quase toda obra literária, dado que a maioria das obras literárias implica a existência dum ambiente ou dum lugar da ação; no entanto, o termo emprega-se geralmente em relação àquelas obras nas quais o ambiente é, só por si, um elemento de interesse.

A partir de tais definições toda e qualquer obra possuem suas próprias características, sendo assim heterogênia, carrega consigo os usos, costumes, crenças, folclore, indumentária, enfim, aspectos da língua e da geografia de um determinado lugar, com o propósito de marcar (caracterizar) esse ambiente. Essa característica é a cultura de um determinado povo em obras literárias, assim afirmam Hatoum e Menegazzo:

Numa obra literária os traços da cor local e as circunstâncias históricas, geográficas e sociais são inevitáveis, pois o escritor está sempre rondando suas origens; as vezes, sem se dar conta, são sempre essas origens que o seguem de perto, como uma sombra, ou mesmo de longe, como um sonho ou um pesadelo. (MILTON HATOUM. Literatura e Memória: notas sobre Relato de um certo Oriente)

Levando em consideração que cada região possui suas especificidades, os autores de cunho regional procuram elevar em suas obras as características de sua região, como por exemplo, Jorge Amado, fazendo com que o leitor possa se identificar com tais especificidades.

De acordo com Cosson (1998), a literatura regional, ou sistema literário regional deve ser preservada pela alusão e semantização de “conteúdo” específicos, agenciando assim o gênero, ou formas diferentes, bem como a proposta de caracterização de uma “região cultural”. Assim afirma Menegazzo:

O regionalismo é assim o local da cultura e a cultura local ao mesmo tempo. Isto é, não só se apresenta como objeto literário da cultura, como também representa a cultura de um determinado objeto. (MENEGAZZO, 2003 p. 161)

É possível observarmos, que as marcas regionais possuem um *corpus* bem diversificado e uma excelente produção poética que carregam consigo marcas e traços de alguma região brasileira. Tal marcos encontra traços da língua falada “embutida” na língua escrita, o que é simplesmente maravilhoso, pois desta forma perpetuará os

costumes e modos de um povo de uma determinada região do Brasil. Como exemplo, cito o grande poeta brasileiro Manoel de Barros, escritor que canta e exalta a região Centro-Oeste do Brasil. Em seus poemas a marca identificadora de regionalismo a cor local, traços que põem em destaque as particularidades sul-mato-grossenses tais como linguagem, costumes etc. Manoel de Barros assim como Hélio Serejo é inquestionavelmente um apaixonado por Mato Grosso do Sul. Eles nos colocam em contato com as peculiaridades da região, preocupando-se com a verossimilhança da língua falada desse lugar, relacionando-o com os aspectos geográficos, como ocorre no poema “No fim de um lugar”:

No fim de um lugar
Você veio ficou de pé
No espinhento pedrento do rochedo
E se atravessava uma coisinha branca na voz
Na voz

Eu fui na garupa
Como os frios da noite
Por cajus amarelos
Debruçados à cerca.
Que outra era esperada
No recanto de meu abandono
Quanto não vinha você
naquele lugar de minha mão?

Crescia de teus lábios
Essa voz úmida que me buscava
Sobre os cascalhos verdes (...)

Em torno fazia um pássaro
Que seu canto finge com águas...
Você se beiradeava.
Eu me escorei o rosto no silêncios.

Fui buscar um gosto leve
Naquilo arvore
Naquilo casa-de-passaros.
Você me esperava?

Eu andava com meus dedos
A colher outros frutos raros...
Porque você não vinha
Malhar sob os meus galhos?

Não espiei contudo
Quem escorria de min aurora.
Ervilhas subideiras
Trepavam no meu casaco.

Agarrado aos muros
Ainda a brotar esta flor de sonho
Um pouco de meu rosto
Ficou eivado nesse lugar...

No poema “No fim de um lugar” os traços identitários estão em evidência, pois o poeta Manoel de Barros reafirma sua identidade sul-mato-grossense, em um caráter humano e literário esta *eivado desse lugar* onde ele se firmou por entre as *ervilhas subideiras*, os *galhos*, *frutos raros*, *sobre os cascalhos verdes* e *à raiz de uma voz que crescia na relva dos peixes*. Como diz Manoel de Barros “Poesia é a ocupação da palavra pela imagem. Poesia é a ocupação da Imagem pelo Ser”.

Não basta pensarmos que literatura regional, ou regionalismo, é algo simples de se compreender. Será simples se tratado com superficialidade, sem apegar-se aos detalhes e tipos (formas) de regionalismo. Como por exemplo, as fases postas por Antonio Candido no final do século XIX e início do século XX; regionalismo pitoresco, regionalismo problemático e super-regionalismo, ou ainda primeira, segunda e terceira fase de regionalismo.

Parafraseando Antonio Candido, em sua obra *A Educação pela Noite e outros Ensaíos*, vemos que as diferentes formas de regionalismo são riquíssimas de onde provém tal termo, pois se olharmos pelo viés pitoresco, o regionalismo-pitoresco (ou primeira fase) funciona como descoberta, reconhecimento da realidade do país e sua incorporação no cenário literário. Houve uma seleção de áreas temáticas para serem temas de obras, como exemplo, a atração por certas regiões remotas e problemáticas do país onde se encontravam grupos marcados pelo subdesenvolvimento, como é o caso da região amazônica, que atraiu José Veríssimo nos decênios de 1870 e 1880, o sertão brasileiro, como representante temos Jorge Amado e José de Alencar no decênio de 1970. Nesse período a literatura em destaque o romance e o conto, focalizam-se na realidade local. Segundo Candido a literatura deve nutrir-se de componentes que estão em sua volta, para que possa enriquecer o espaço em que vive o escritor, como citado anteriormente à região amazônica, e para que tal se torne realidade é preciso amor ao chão cultural em que pertence:

Não há dúvidas que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobreçam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo

sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando se trate de assuntos remotos no tempo e no espaço (MACHADO DE ASSIS *apud* CANDIDO, 1975, p. 368 – 369).

O pitoresco aparece como elemento de separação entre a zona rural e a zona urbana, os personagens são geralmente absorvidos pela paisagem, hábitos e costumes, tais personagens são tratados como piada para servir de espetáculo para o homem da cidade. No regionalismo pitoresco com a reparação entre área rural e urbana, os traços e características do caipira do homem rural eram tratados com certo estereótipo perante as pessoas que residiam em cidades. Com o passar do tempo transformou-se na literatura sertaneja que chegou ao auge como melhores tendências literárias após os 1930:

(...) tende a anular o aspecto humano, em benefício de um pitoresco que se estende também à fala e ao gesto, tratando o homem como peça da paisagem, envolvendo ambos no mesmo tom de exotismo. É verdadeira alienação do homem dentro da literatura, uma reificação da sua substância espiritual, até pô-la no mesmo pé que as árvores e os cavalos, para deleite estético do homem da cidade (CANDIDO, 1975, p. 212 – 213).

Muitos consideram a literatura do sertão como a primeira forma de regionalismo na ficção brasileira, e temos grandes nomes da literatura tanto no sertanismo romântico até ao indianismo, que marca a segunda fase regionalista (regionalismo problemático) tais como José de Alencar, Visconde de Taunay e Franklin Távora.

O regionalismo problemático, que ocorreu entre os anos de 1930 a 1940 é chamado também de “romance social”, “indigenismo”, “romance Nordeste”. O que caracterizou tal período foi a superação do otimismo patriótico e a afeição a um diferente tipo de pessimismo totalmente diferenciado daquele que ocorria na ficção naturalista. Enquanto este colocava o homem pobre como elemento refratário ao progresso, o regionalismo problemático mostra a situação na sua complexidade, indo contra os ideais das classes dominantes e vendo naquele homem pobre uma consequência da fraudulenta economia, e não do destino desse sujeito. Muitos dos escritores do período caracterizavam-se pela linguagem espontânea e irregular, a consciência cultural vinha como fator positivo, diminuição da espécie humana, era o que os escritores encontravam para mostrar/conscientizar a miséria que ali se instaurava. Na obra de Graciliano Ramos, *Vidas Secas*, o escritor leva ao máximo a contestação

verbal, elaborando uma forma reduzida de elipse, ao monossílabo, aos sintagmas mínimos para mostrar o sufocamento humano do vaqueiro confinado aos mínimos de sobrevivência.

A terceira e última fase do regionalismo é o super-regionalismo que tem como propósito o sentimentalismo e a retórica, nutrida de elementos fora da realidade como o absurdo a magia das situações. Baseava-se em uma empírica do mundo (baseado apenas na observação). Como exemplo Guimarães Rosa, na obra *Grande Sertão Veredas*, na qual podemos observar essa universalidade da região em que há uma ponte que liga o regional sertanejo e o universo do homem que se dá ao campo da linguagem. Passa reinventar a vida sertaneja, as falas, as angustias, as felicidades, os encontros e desencontros sertanejos e humanos. Na visão do autor, o sertão é o mundo (um espaço existencial), podemos também observar na obra o absurdo a magia das situações, o folclore, os sentimentos, Deus, o Demônio, o bem, o mal, que também é uma marca deste regionalismo problemático na obra.

(...) é forçoso convir que justamente porque a literatura desempenha funções na vida da sociedade, não depende apenas da opinião crítica que o regionalismo exista ou deixe de existir. Ele existiu, existe e existirá enquanto houver condições como as do subsenvolvimento, que forçam o escritor a focalizar como tema as culturas rústicas mais ou menos nas margens da cultura urbana. O que acontece é que ela vai modificando e adaptando, superando as formas mais grosseiras até dar impressão de que se dissolveu na generalidade dos temas universais, como é normal em toda obra bem feita. E pode mesmo chegar a etapa onde os temas rurais são tratados com um requinte que em geral só é dispensado aos temas urbanos, como é o caso de Guimarães Rosa (...) (CANDIDO, 2002, p. 86 – 87).

O regionalismo na literatura possui fases e faces, possui funções no meio social, é história. É possível lermos uma obra e nos identificarmos com traços de outra região distinta daquelas que habitamos.

A partir do Romantismo, com a valorização do *genius loci* a importância das peculiaridades locais brasileiras aumentou gradativamente, e essas singularidades locais do Brasil deve-se a fato de sua geografia, economia, folclore, tradições, que nos deixa em uma posição singular em relação a muitos países.

É interessante observarmos o conceito de George Stewart acerca do regionalismo sob duas ópticas. Num sentido mais amplo, toda obra de arte é regional quando tem por pano de fundo alguma região específica ou demonstra germinar

intimamente desse fundo. Neste caso, um romance pode ser localista e tratar de problemas universais, é o que acontece em *Vidas Secas* (1938) de Graciliano Ramos, onde o local torna-se universal (miséria/seca). Já em um sentido mais exato, para ser regional uma obra de arte não somente que ser localizada numa região, senão também deve retirar sua substância real desse local (clima, topografia, flora, fauna, etc.), como elementos que afetam as vidas humanas dessa região, das maneiras peculiares da sociedade estabelecida nessa determinada região e a que fizeram distintas de qualquer outra.

Em dias atuais, sem perder os traços e concepção romântica, entende-se por Regionalismo, a busca de uma determinada região de um país (no caso desta monografia, Mato Grosso do Sul) para sua representação literária trazendo consigo a história, o direito, a semiologia, clima, topografia, flora, fauna, a língua e a cultura, desse povo de tal região, elevando assim os potenciais literários deste local específico. Regionalismo então está agregado com identidade, que busca o particular que diferencia esse lugar dos demais.

CAPÍTULO II

2.1 O ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL COMO OBJETO LITERÁRIO

Quanta gente, tanta
De pioneira coragem
Que te buscou, “Terra Santa”
Com festa e dor na bagagem
Quem foi que expulsou o índio
Quem lutou com o Paraguai
Quem derrubou a mata
Quem cultivou cultivar
Quem “ganhou” latifúndio
Quem veio trabalhar
Viu Tanto trecho de “Campo Grande”
Grande de admirar
Quem não te viu “Bonito”
As águas claras de um rio
Um peixe, um tucano, uma onça
Tatu onde é que tu tá
Tanta gente, quanta
Hoje sabe da história tanta
Vivida neste teu solo
 (“Quanta gente, Zé Du)

Iniciemos com trecho da música “Quanta Gente” do compositor Zé Du. A partir de sua leitura, vemos traços e fatos marcantes da história sul-mato-grossense. Tal trecho nos evoca as herança pantaneira, nossos recursos naturais, nossas histórias e tradições, enfim, nosso gênese. Falar do estado de Mato Grosso do Sul não é uma tarefa muito fácil, mas é possível conhecermos tal estado através da literatura, e até mesmo compreendermos este chão cultural, pois inúmeros artistas usam o estado para escrever, pintar, cantar os objetos que o marca. Quando falamos em literatura é em toda sua imanência, na pintura, no teatro, nos livros, no cinema, nas artes plásticas e em manifestações artísticas em todas as suas formas e expressões.

Conforme discutido anteriormente, regionalismo é a identidade de um povo ou de uma determinada região, Mato Grosso do Sul possui um seleto grupo de escritores/autores que cantam em suas obras, feitos e fatos do povo sul-mato-grossense.

O estado possui vários “objetos” para serem “cantados” em obras literárias. Há um amplo e vasto campo para estudos da cultura, dos costumes, dos hábitos, da língua desse povo. Tal variedade pode ser explicada por diversos fatores. Em primeiro momento, podemos destacar a posição geográfica em que se encontra Mato Grosso do

Sul, que é produtiva para se pensar sobre novas configurações identitárias, pois o estado faz divisa com outros países (Paraguai e Bolívia), mesclando assim culturas e hábitos totalmente distintos uns dos outros. Em um segundo, momento a guerra do Paraguai entre 1864 e 1870. A divisão do estado em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul ocorrida em 1977. Com essa divisão, houve busca de identidade por parte dos novos, então divididos, estados de MT e MS. Segundo Banducci Junior, os novos estados procuravam raízes históricas e culturais, que respondesse ao dilema da singularidade e da autenticidade do povo dos novos estados.

O estado é marcado fortemente por fatos históricos que contribuíram imensamente para um vasto e produtivo campo literário. Aline Figueiredo reuniu tais fatos, desde o princípio, para a construção do que é hoje o estado de Mato Grosso do Sul:

Fomos desvendados, em termos europeus, pela captura do índio, descobertos pelos metais e fixados pelo boi. Pela procura ou pelo encontro de metais, prata na Bolívia, ouro em Mato Grosso, fomos ocupados entres os séculos XVI e XVII, no caso do Paraguai e da Bolívia e no século XVIII, no contexto mato-grossense, e, com a sua ausência ou escassez, fomos despovoados e esquecidos com a mesma rapidez com que fomos ocupados. Durante três séculos ruminamos com os nossos bois a mesmice e o marasmo do tempo. E com eles, pastandos soltos pelos campos indivisos, delimitamos as nossas fronteiras. Nesse decorrer vivenciamos a sanha das atrocidades como ninguém. Construimos nossa sociedade mestiça, mesclada de usurpados e ursupadores. Ora subjugamos, no intuito da integração, ora corrompemos ou liquidamos sumariamente o índio, nosso personagem autóctone. E mais, vivenciamos o horror da maior das guerras americanas, a Guerra do Paraguai (1864/1870), quando participamos do extermínio da grande Nação Guarani, arrasada pela nossa ignorância e comandada pela astúcia do capital estrangeiro, que em seguida nos invade com a ludibriante troca de “civilização”, proposta principalmente pelo liberalismo inglês (...). Apesar de todo esse passado histórico quase ninguém nos conhece. Falta de bibliografia? Conversa. Desde o século XVI, nossa região é anotada, desenhada e estudada por cientistas free-lancers ou de grandes expedições ou mesmo por comandantes e missionários interessados. (...) Costumo dizer que a distancia e o isolamento foram responsáveis pelas dificuldades do nosso desenvolvimento, mas é exatamente o enfrentar a esses entraves que constrói a cronologia do próprio desenvolvimento, resultado disso a nossa história. (...) Temos o espaço de amplos horizontes do Planalto, talvez por isso sejamos tão sonhadores. Temos a vasta depressão da planície pantaneira, talvez por isso sejamos tão ensimesmados. Ao mesmo tempo, temos a altura da grande Cordilheira a nos ventilar ares libertadores, talvez por isso sejamos tão idealistas, pois, prisioneiros, o sonho da liberdade é a

mais cara das nossas esperanças. Estamos no centro, quem sabe nos venha daí a consciência da síntese e nela a receptividade consagradora. Somos o coração da América, talvez por isso sejamos tão apaixonados (FIGUEIREDO *apud* SANTOS, 2008, p. 17-18).

O povo sul-mato-grossense é marcado por um contexto histórico muito variado, em que predominaram as lutas de espanhóis contra tribos chaqueadas, paulistas contra guaranis, brasileiros contra paraguaios, povos indígenas entre si, configurando assim características únicas em relação ao restante do território brasileiro.

Com a Grande Guerra, o destino dos paraguaios era a migração para o estado, de amplas terras, Mato Grosso do Sul, até então o sul de Mato Grosso, trazendo em sua bagagem seus costumes. Assim inicia-se a construção do novo estado.

Quanto à construção do estado de Mato Grosso do Sul, Edgar Nolasco afirma:

Nela há uma reunião de povos diferentes, culturas diferentes, dialetos diferentes, há pessoas em constante diáspora, de passagens, de saída (tome a saída tal), migrantes e imigrantes, colonizadores e colonizados, mato-grossenses e sul-mato-grossenses, há margens para todos os lados, fronteiras reais e imaginadas, países lindeiros que metaforizam as próprias diferenças locais de estado. (NOLASCO, 2009, p. 104)

Sabemos que o estado possui fronteiras regionais, nacionais e transnacionais (enriquecendo ainda mais a cultura do povo que aqui em Mato Grosso do Sul reside), o que nos faz querer conhecer a fundo sua histórias/causos/contos/poemas. Com tais fatos levam-nos a pensar/questionar as problemáticas da construção de identidade do estado de Mato Grosso do Sul, na medida em que nos apresenta-nos diferentes povos, culturas, dialetos e línguas.

Podemos afirmar então que Mato Grosso do Sul é um estado mestiço, não só em termos culturais, mas na formação de seu povo, de sua língua, seu folclore etc. Há uma miscigenação de povos (paraguaios, argentinos, brasileiros, japoneses, paulistas, mineiros, goianos, dentre outros) usos e costumes, tal “mistura” é ambiente propício para a formação de um vasto campo de produção literária que faz parte da paisagem humana na construção de identidade cultural e artística “própria” de Mato Grosso do Sul.

A mestiçagem, citada no parágrafo anterior, privilegia todos os procedimentos formais que marcam o cruzamento de culturas de origem variada, o que inclui a contradição, o paradoxo, desequilíbrio gerando no receptor (Mato Grosso do Sul) certo

estranhamento do dito respeito aos valores, modelos e referências que se encontram nas práticas de determinado chão cultural. Segundo Canclini, a mestiçagem passa por diversos conceitos. Canclini prefere usar o termo hibridação para nomear as diversas mesclas culturais, “processos sociocultural nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2003, p. 19).

Partimos então para a reflexão acerca da origem do termo “mestiçagem”, de acordo com Laplantine e Nouss (1997), tal termo do latim *mixtus* (mistura). Para os autores o único ideal, a única regra para mestiçagem é a falta de regra, pois cada processo de mestiçagem é único, particular, e é onde traça seu próprio futuro. Para Torchi a cultura sul-mato-grossense assume essa condição de mestiça não só pelo conteúdo de suas práticas culturais, mas também por suas imagens, pela forma lânguida dos corpos que andam na dança, nas cores das palavras de nossos poetas e por esses elementos mosaicos em contínua metamorfose. Já para Santos (2008) o termo mestiçagem é a transferência/troca de práticas culturais distintas, assim afirma:

(...) A caracterização de uma região cultural específica, marcada pelas relações de troca, transferências e traduções de outras regiões, essas também caracterizadas por regionalismos outros, procuraria explicar as relações – trocas, transferências – entre o próprio e o alheio e o entrecruzamento de uma região a outra. (SANTOS, 2008, P.29)

Uma coisa é certa, poucas regiões brasileira possuem tamanha riqueza histórica, embora saibamos que tal riqueza está alicerçada sobre grande sofrimento e sangue derramado na conquista deste território (Mato Grosso do Sul) e exatamente por isso repletos de bravura e abnegação:

(...) eu não queria um livro qualquer, mas um livro que fosse o retrato da região sudoeste do antigo Mato Grosso; registrasse o costume da época, as lendas da fronteira, a violência gerada pelos coronéis na luta pelo domínio das terras, mas, principalmente, o linguajar aguaranizado, típico do mestiço da fronteira (...). Através das polcas paraguaias, da chipa, do pucheiro, do locro, do tererê, do torô candil, etc, o Paraguai carimbou suas tradições no estado. Em várias cidades, inclusive na capital, Campo Grande, temos colônias paraguaias, organizadas em associações. Essa penetração paraguaia se perde nas brumas do passado anterior à Grande Guerra. A influência boliviana mais recente e mais discreta, mas ela existe. E comum, nas praças públicas, das nossa cidades, se ouvir flautas andinas tocando músicas de inspiração espiritual, como era a visão da existência mística dos

povos das altas montanhas. A ocupação de grandes áreas pelos imigrantes sulistas, nordestinos mineiros e paulistas, agregou também valores culturais ao universo onde anteriormente só se ouvia o “jeroky” (dança) e o “ñembôê” (reza) ritualísticos. A taquara “takuapú” sagrada, com cadência, batia no chão seco, enquanto mantras são pronunciados em voz grave ao chocoalhar do “mbaraka”, se contrapôs a batida dura da bota, o tilintar das esporas, na dança das lanças dos gaúchos. De Minas, a folia de reis. São Paulo, a festa do Divino. Do nordeste, o forró e a carne de sol. O centro de tradições tanto gaúcha quanto nordestino, reforçam os laços com o estado de origem, ao mesmo tempo em que, neste estado, se implantam idiosincrasias regionalistas. (cf. IBANHES. O estado das fronteiras. Disponível: [HTTP://www.midiamax.com/pontodevista/?pon_id=627](http://www.midiamax.com/pontodevista/?pon_id=627). Acesso em 16 de maio de 2015).

O estado de Mato Grosso do Sul é simplesmente encantador, rico não só em recursos naturais, mas também de uma cultura que se traduz em significativa produção artística (música, dança literatura, teatro, pintura, cinema, gastronomia, enfim, produções culturais de um modo geral), talvez por essa miscigenação cultural, que aqui em nosso estado houve e há.

Os traços específicos/particular de uma região possuem um elo com a gastronomia, pois é na culinária que muitas regiões se diferenciam das demais. O estado de Mato Grosso do Sul, como foi afirmado anteriormente, é formado por uma pluralidade de culturas, como afirma Nolasco, tudo aqui é transculturado, processado, reforçando a ideia de que neste local o alheio se transforma em próprio, enquanto o próprio nunca pode ser alheio. Seguindo o raciocínio de Paulo Sérgio Nolasco cito como exemplo a sopa paraguaia que é um bolo homogêneo que nos caracteriza como povo fronteiriço, da mesma forma que nos coloca numa singularidade em relação ao restante do país. Temos também, o tereré, o quebra-torto (arroz com carne, ovo servida das 8h até no máximo 9h da manhã), frango caipira com pequi etc. Podemos estar em qualquer parte do país nenhuma outra toma uma bebida gelada que é composta por uma erva uma cuia e uma bomba. São alimentos/bebidas específicas deste chão cultural Mato Grosso do Sul, e outras que sofreu o processo de transculturação.

Muitas vezes Mato Grosso do Sul, confundido com Mato Grosso pela mídia, fica, de alguma forma, excluído do eixo-cultural brasileiro. Embora, se pensarmos que possuímos fronteiras nacionais e internacionais que compõe nossa “vizinhança”, diremos parafraseando Mário de Andrade (na obra *O empalhador de passarinhos* 1972, p. 167), que somos um povo que constitui um estado formado “por acrescentamento muito mais que por evolução natural”.

2.2 HÉLIO SEREJO

Eu sou o homem desajeitado e de gesto xucros que veio de longe.
Eu sou o homem fronteiriço que na infância atribulada recebeu nas faces sanguíneas os açoites dos ventos dessa região, vadios e haraganos, que, no afirmar da lenda avoenga, nascem nas terras incaicas, num recôncavo do mar, varrem o altiplano boliviano, penetram o imenso aberto do Chaco paraguaio, para depois, exaustos do bailado demoníaco, numa cólera e estrupício de tormenta, arrebentar, cortantes e gélido, nesta cidade de Ponta Porã, a princesa da fronteira, sentinela avançada das terrarias sul-mato-grossenses.
Eu vim dos ervais, meus irmãos, do fogo dos barbaquás, do canto triste e gemente dos urus, dos bailados divertidos, dos entreveros dos bailados das estradas, do mais hirsuto da paulama seca, do pôr-do-sol campineiro, dos dutos, das encruzilhadas e das distâncias perdidas (...) Eu vim de longe, eu sou o misto de poeira de estrada, de fogo de queimada, de aboio de vaqueiro, de passarada em sarabanda festiva no romper da madrugada, de lua andeja rendilhando os campos, as matas, as canhadas, o vargeado. Sou o misto, também de índio vago, cruza-campo e trota-mundo (...). Eu vim, em verdade, dos charcos e da poeira revolvete dos tempos (...). Fui gemido de carreta (...). Amei imensamente, o vazio aberto. (SEREJO, 2008, p.33-36)

Iniciemos com uma epígrafe com uma auto-apresentação de Hélio Serejo. O filho de Francisco Serejo e de Ernestina Batista, o nosso “Catulo, o das paixões sul-mato-grossense”. Além de ficcionista, poeta, cronista, folclorista é historiador. Não aquele que apenas relata, mas o que vive a história. Por este e outro motivos, foi ele quem catou e “recantou” feitos e fatos do estado de Mato Grosso do Sul.

Hélio Serejo nasceu na fazenda São João (propriedade de seu pai Francisco Serejo) no município de Nioaque, Mato Grosso do Sul, no dia 1º de Junho de 1912. Era o sexto filho (de dez).

Desde muito cedo Serejo acompanhava seu pai nas lidas, nos ervais; aos quatorze anos de idade foi trabalhar na Rachada de Porto Baunilha, no Ivinhema, foi nesse momento que aprendeu tudo sobre a erva-mate, conversava com todos e ouvia todos, desde seu pai aos sertanejos que ali trabalhavam, o que posteriormente viria a cantar tais feitos e fatos em suas obras.

Segundo Campestrini (2008), Hélio Serejo, nos primeiros contatos com o mundo ervateiro, ficou completamente encantado com a floresta, as plantas, as pessoas que ali trabalhavam, e resolveu “conversar” e anotar em cadernos tudo que lhe causava interesse. Sendo ele curioso, autodidata, lia absolutamente tudo que via pela frente, com

tais anotações encheu sessenta e quatro cadernos e foi daí que tirou, mais tarde, assunto para seus livros.

Como foi dito anteriormente a curiosidade fez com que o escritor Hélio Serejo anotasse tudo o que via e lia em seu “caderninho de anotações”, na medida em que sua adolescência e mocidade caminham, sua escrita também evoluía no decorrer do tempo. Futuramente viria a se tornar um conjunto de obras de um valor cultural inigualável.

Durante logos anos viajei pelo sul de Mato Grosso, numa peregrinação peripeciosa, auxiliando meu pai em sua rude atividade ervateira. Hoje aqui, amanhã ali, íamos rompendo o sertão, tangidos pelo vento cruel de um destino sempre ingrato. Pernoitamos, muitas vezes, à margem de arroios, no arranchamento de bugres foragidos de aldeias. À noite, ao pé fogo estradilante, conversávamos. Bugre gosta de conversa. Fala um tempão, rindo à toa, sacudindo o corpo, cuspidando no braseiro e comendo mandioca assada (...) Por várias vezes, nessas pousadas incômodas notei, que um balaio velho feito de lâminas de taquara, fica ao lado do bugre mazoro. Qual seu conteúdo? (...) (SEREJO, 2008, p. 5 – 6).

Em sua mocidade sonhava em ser engenheiro para construir pontes. Aos vinte e três (23) anos de idade, na cidade do Rio de Janeiro, já possuía o curso de sargento, mas por infortúnio do destino acabou sendo preso como comunista. Ficou seis meses presos até provar sua inocência. Após o incidente saiu do presídio em estado de calamidade, pois havia sofrido maus tratos no período em que se encontrava detido (tortura), perdeu seu cargo no exército por algum tempo, logo o exército anulou seu afastamento, mas, Hélio Serejo não aceitou voltar a servir como oficial. Morrera ali o sonho de ser um grande engenheiro, que Serejo alimentava desde a meninice.

Surge em sua vida Henriqueta Barbosa Martins, que se tornou sua esposa no ano de 1939. No ano de 1940 nasce sua primeira filha Nahara Tatiana, após cinco anos nasce sua segunda filha Helita.

Mudou-se para o estado de SP para tratar de um problema nos olhos. Embora residindo no estado de São Paulo, Serejo prestou notáveis serviços ao governo de Mato Grosso do Sul. Trabalho arduamente no período de construção da ponte que liga o estado de Mato Grosso do Sul a São Paulo (Bataguassu a Presidente Epitácio). Onde no ano de 2012 a ponte recebeu seu nome “Ponte Hélio Serejo”.

Desde então, passou a escrever efetivamente, publicar suas obras (de forma precária).

No ano de 1972 para ser mais exato no dia 11 de março tomou posse na Academia Piracicabana de Letras. Além da Academia de Piracicaba, Serejo pertenceu a outras diversas academias, centros culturais e Sociedade, são elas:

- Academia Sul-Mato-Grossense de Letras;
- Academia Mato-Grossense de Letras;
- Academia Pontaporanense de Letras;
- Academia Douradense de Letras;
- Academia de Letras de Curitiba;
- Instituto Histórico e Geográfico de MS;
- Centro de Cultura D. Aquino Correa, Cuiabá;
- Centro Folclórico Sul-Americano de Bogotá;
- Casa Humberto de Campos do Rio de Janeiro;
- Centro de Cultura Coelho Neto do Rio de Janeiro;
- Centro de Pesquisa Folclórica de Teresina;
- Casa dos Poetas de João Pessoa, Paraíba;
- Centro de Cultura Literária de São Luiz, Maranhão;
- Sociedade do folclore do Recife;
- Cultura Crioula de Paissandu, Uruguai;
- Sociedade de Pesquisa Campechana de Porto Alegre;

Sua literatura é extremamente representativa de Mato Grosso do Sul, o então Grosso do Sul, especialmente na tocante erva-mate. Além de vertentes como história regional, poesia crioula, folclore, o homem simples, fronteiroço dentre outros, foi quem melhor descreveu o estado em um período conhecido como “ciclo do erva mate”, por ser um profundo conhecedor dos costumes/hábitos e modos dos povos da região fronteira, pois acompanhava seu pai, durante a infância, que era empregado da empresa Erva Mate Laranjeira, que explorava o produto na região.

A escrita serejiana é genuinamente regionalista que está diretamente entrelaçado em seu chão cultural, escreve com uma riqueza inigualável, elevando a característica do lugar ao usar a língua falada em suas obras. Entretanto, essa “oralidade” na escrita de Hélio Serejo não deve ser confundida como improvisado simples ou descuidado, mas sim como o grande escritor que era. “Foi composto por alguém altamente culto, sabedor dos grandes segredos da arte poética”. (CESAR, 1994, p.80). Sua busca de natureza regionalista, localista, espaço que torna o personagem de alguma

forma especial (erval, pantanal, guaviral), busca o linguajar regional é algo essencial para a construção das obras de Serejo. “Em minha curta experiência de narrador comprovei que saber como falar um personagem é saber quem é, que descobriu uma entonação, uma voz, uma sintaxe peculiar, é descobrir um destino” (BORGES *apud* CARVALHAL, 2000, p.149)

Em 2005 foi para Campo Grande para ficar sob os cuidados das filhas até sua morte que ocorreu no ano de 2007.

Nenhum outro escritor descreveu esta região cultural mais que Hélio Serejo, foram um total de sessenta obras, onde exaltado Mato Grosso do Sul o então Mato Grosso. Lendas, contos, poesias, narrativas ervateiras e evocação de imagem sertaneja são do próprio Hélio Serejo a definição/caracterização mais adequada do *locus* de enunciação de sua variada produção literária, o próprio lugar da cultura na qual se empenhou durante anos de sua vida. O amor pelo estado era perceptível em suas obras, observe um trecho de “*Paisagem sertaneja*”:

Dentro de min, como benção do Senhor, vivera para todo o sempre a fulgurante e evocadora paisagem sertaneja, formada pelo entardecer, raiar festivo das madrugadas, aboio comovedor do vaqueiro, tropel de xucros, fogo dos pousos, silêncio aterrador da tarde escaldante, vento sulão soprando desabridamente pelos campos e varjões, rechinar de carretas, cantigas de andarejo, tropilha em marcha cadenciada, marcação, pega, roça granando, colheita, soca de monjolo, estralidar de galhos na tormenta, enxurrada, cantar melodioso do sabiaúna, vôo da seriema, cargueiros, fogo de galpão, queimada de roça, armadilha de caça sinuelo, junta de coice, pastorejo, festa de marcação, pega de baguais, floração campesina, redemunho de outubro, filigranas de luar, brilho das estrelas, vento bandoleiro balançando folhas das árvores, o azul do céu imenso e cantaria de pouso ao anoitecer (...). Desejo, sinceramente, morrer como um xucro, com os olhos embaciados, voltados para essa paisagem (SEREJO, 2008, p. 170 – 171).

Nos relatos de suas obras, Serejo aparece como narrador e/ou personagem. Em muitas de sua escrita o próprio pai, Don Chico Serejo, junto com Helio Serejo tornam-se desbravadores dos ervateiros. Relata sua luta nos ervais cantando e exaltando a natureza que aqui, em Mato Grosso do Sul, é de grande beleza. Como diz Elpídio Reis “Hélio Serejo, nenhuma dúvida, é o florão do regionalismo e do folclore do estado de Mato Grosso do Sul. Ninguém o iguala nestes dois campo campos. É o rei que reina esplendorosamente e ...gigantemente”.

Sorvi, com muita sofreguidão, o selvástico, o descampado, os cômoros, os brejos infindáveis, as croas, o vargeado de moitas clorofiladas, os pára-tudos chamadores de raios, a solitária lagoa azulada, os trilheiros dos bichos-do mato, o vento sulino anunciando chuva, a sinfonia das taboas nos alagadiços, a algazarra ruidosa das “baitacas” na roça de milho, as “canhadas” onde as aves diversas buscam o farmel apetitoso, as alvares desgalhadas, no espigão de pouca sombra, o chirlar festivo da passarada, o urro da fera andeja que corta o despovoado sem rumo determinado, o barulho cantante da quebra d’água no coração das brenhas, e o luar que brandeja a vastidão (SEREJO, 1998, p. 35).

Em suas obras, o escritor Hélio Serejo, o das paixões sul-mato-grossense, nos faz “viajar”, no encantamento das palavras, usando uma variedade linguística incomparável, mesclando a língua Guaraní, o espanhol, o português e linguagem do caboclo do pantaneiro, onde nos remete a nosso princípio de formação, nossa identidade, pois somos um povo miscigenado, e essa “mistura” está em evidência na escrita Serejiana.

(...) sua figura *magriça* e sorridente, estava incorporado a tudo; *raídos, arrias, piques, perchél, barbacuá, sapeco, acaê*, e todas as espécies de *tapês*. (HÉLIO SEREJO, 1981, p.25).

(...) a língua predominante era o guarani, seguida pelocastelhano, tornando a região numa nova “Babel”. A língua portuguesa era pouco empregada. De ambos os lados da fronteira, após uma polca alegre, ouviam-se aplausos bilíngües, trilíngües. Nas corridas de cavalos, o juiz de partida gritava a ordem de largada em guarani e repetia logo após em português (DONATO *apud* MARIN, 2004, p.327 a 329).

Ao lermos uma obra serejiana é impossível não nos impressionarmos com a originalidade da linguagem, Hélio Serejo trabalhava a partir do linguajar do universo ervateiro, sertanejo, etc. O que nos deixa ainda mais impressionado é o fato de o escritor não ter tido praticamente qualquer estudo mais profundo, a não ser a leitura e o estudo de escritores em excelência.

Serejo era obcecado por retratar o fato como realmente é, tinha compromisso com a verdade, como confessa em várias passagens de suas obras. Segundo Mendonça, ler a obra do escritor Hélio Serejo é o mesmo que se palmilhar o sertão, sentir sua gente, viver a sua vida, compartilhando da sua alegria e também da sua desgraça. (CANTO CABOCLO, p.181 Ed. Original). Concentrava-se no relato do acontecido, sem enfeites, sem drama, evitando por conclusões próprias.

2.3 OBRAS

Como dito anteriormente, Hélio Serejo escreveu num total sessenta (60) obras. A seguir, a listagem de cada obra (da coleção original, considerando a ordem cronológica do autor) e a intervenção do editor.

1. *Tribos Revoltadas* – 1935
2. *Modismo do Sul de Mato Grosso* – 1937
3. *Três Contos* – 1938
4. *Quatro Contos* – 1939
5. *Lobisomem* – 1940
6. *Carreteiro de Minha Terra* – 1941
7. *Pialo Bagual* – 1942
8. *Vento Brabo* – 1843
9. *Homem de Aço – A luta nos ervais de Mato Grosso* – 1946
10. *Prosa Xucra* – 1947
11. *Ronda Sertaneja* – 1949
12. *Rincão dos Xucros* – 1950
13. *Prosa Rude* – 1952
14. *Canto Caboclo* – 1958
15. *O Homem Mau de Nioaque* – 1959
16. *Poesia Mato-Grossense* – 1960
17. *Buenas, Chamigo* – 1960
18. *De Galpão em Galpão* – 1962
19. *Versos da Madrugada* – 1969
20. *Carta de Presidente Venceslau ao Cumpadre Anermo* – 1970
21. *Discursos de Posse* – 1973
22. *Rodeio da Saudade* – 1974
23. *Contas do meu Rosário* – 1975
24. *Vida de Erval* – 1975
25. *Zé Fornalha* – 1976
26. *Abusões de Mato Grosso e de Outras Terras* – 1976
27. *Sete Contos...e uma potoca* – 1978
28. *Fogo de Angico* – 1978
29. *Lendas da erva-Mate* – 1978

30. *Campeiro da Minha Terra* – 1978
31. *Pelas Orilhas da Fronteira* – 1981
32. *Palasques da Terra Nativa* – 1983
33. *Mãe Preta (poema)* – 1983
34. *O Ciclo do Erva-Mate Em Mato Grosso do Sul* – 1986
35. *Caráí (Erva-Mate, Riqueza Nativa)* – 1984
36. *Rodeio de Emoções* – 1985
37. *Nioaque (um pouco de sua historia)* – 1985
38. *O tereré que me inspira* – 1986
39. *Heróis da erva* – 1987
40. *Paisagem Sertaneja* – 1988
41. *Nhá Chaló* – 1972
42. *Pialando... No Más* – 1989
43. *Balaio de Bugre, vol. I* – 1990
44. *Astúrio Monteiro de Lima (um exemplo de homem)* – 1990
45. *Caráí Ervateiro* – 1990
46. *Lendas do Estado de Mato Grosso do Sul* – 1991
47. *Gratidão de Caboclo* – 1991
48. *Vivência Ervateira* – 1991
49. *Sismório: O Gringo Bochinheiro e Bandido* – 1991
50. *No Mundo Bruto do Erva-Mate* – 1991
51. *Dorico, Um Bravo Lutador* – 1992
52. *Balaio de Bugre, vol. II* – 1992
53. *Balaio de Bugre, edição Especial* – 1992
54. *Ronda do Entardecer* – 1998
55. *Contos Crioulos* – 1998
56. *Dois Contos: Zé Fumaça e Chopito*
57. *Samburá do Folclore, Vol.I* – 2001
58. *Samburá do Folclore, Vol. II* – 2002
59. *Meus Bisnetos* – 2002
60. *Fiapo de Regionalismo*

Não há dúvidas do poder de escrita de Serejo, é um grande pesquisador, pois viveu a história antes de escrevê-las, o que nos faz viajar pelo encantamento das palavras.

No ano de 2008, o Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul (IHGMS) com a coordenação do Professor Hidelbrandi Campestrine, organizou o conjunto de obras de Hélio Serejo em uma coleção denominadas Obras Completas.

Hélio Serejo autorizou tal publicação, as obras foram organizadas em cinquenta livros (dentre estes a obra “Textos Esparsos” que traz os vocabulário ou glossário de todas as obras) que foram divididos em nove (9) volumes, compreendendo apenas a produção do autor, tirando qualquer texto alheio, como exemplo, introdução e prefácio.

Todos os textos foram revistos, sempre na preocupação de manter a originalidade de Serejo foi feita apenas a adequação quanto à ortografia.

As obras completas estão organizadas em cinquenta livros, mantendo somente a produção do autor, eliminando textos de outros autores. O livro Textos Esparsos reúne textos órfãos, dos livros que perderam sua identidade. Todos os glossários presentes nas obras anteriores estão reunidas no volume IX. Os textos repetidos foram eliminados, preservando-se somente textos que apresentam pequenas alterações. A revisão textual ocorreu integralmente em todos os textos “(...) sempre com a preocupação de conservar a originalidade do estilo do autor. Procurando padronizar a ortografia” (CAMPESTRINI, 2008, p.54, *apud* DOS SANTOS E SILVA, 2010 p. 104).

As obras foram organizadas das seguintes formas, lembrando que foi dividida em nove (9) volumes:

Primeiro volume: Tribos revoltadas, Modismo do Sul de MT, Três Contos, Quatro contos, Lobisomem, Carreteiro de minha terra, Piao bagual, Vento Brabo, Homem de aço (a luta dos ervais) e Prosa xucra.

Segundo volume: *Ronda sertaneja, Rinção dos xucros, Prosa rude, Canto caboclo e O homem mau de Nioaque.*

Terceiro volume: *Poesia mato-grossense, Buenas Chamigo!, De galpão em galpão, Versos da Madrugada, Carta de Presidente Venceslau ao cumpadre Ansermo e Rodeio da saudade (crônicas).*

Quarto volume: *Contas do meu rosário, Vida de erval, Zé Fornalha, Abusões de Mato Grosso e de outras terras e Sete contos...e uma potoca.*

Quinto volume: *Fogo de angico, Lenda da erva-mate, Campeiro de minha terra, Pelas orilhas da fronteira, Palanques da terra nativa, Mãe preta e Nioaque – um pouco de sua história.*

Sexto volume: *Caraí, O tereré que me inspira, Paisagem sertaneja e Nhá Chaló.*

Sétimo Volume: *Pialando...no más, Balaio de bugre e Astúrio Monteiro de Lima – um exemplo de homem.*

Oitavo volume: *Caraí ervateiro, Lendas do Estado de Mato Grosso do Sul, Sismório o gringo bochinheiro e bandido, No mundo bruto do erva-mate e Dorico um bravo lutador.*

Nono volume: *Ronda do entardecer, contos crioulos, Dois contos: Zé Fumaça e Chopito, Meus bisnetos e Textos esparsos e Glossário.*

Com a organização Campestrini homenageia o autor, de quem foi amigo e declara:

Parabéns Hélio! Obrigado por tudo que você escreveu, para orgulho de nossa terra. Peço-lhe perdão por não ter, o Governo do Estado, erguido sua estátua em diversos locais deste nosso abençoado chão, que Hélio tanto exaltou. Talvez não tenha feito, porque você merece muito, muito mais que o frio bronze e a imobilidade desses monumentos. Porque você é misto “de índio vago, cruza-campo e trota-mundo”.

Nos dias atuais é possível encontrar essa coleção em muitas bibliotecas, escolas e universidades. Como exemplo, cito a biblioteca do SESI, situada no centro da cidade de Nioaque, onde possui os nove volumes da obra de Hélio Serejo. Cidade esta que possui duas obras sobre sua história escrita pelas mãos de Serejo, *O homem mau de Nioaque* publicado em 1959 e *Nioaque (um pouco de sua história)* que foi publicada em 1985.

CAPÍTULO III

3.1 PELAS ORILHAS DA FRONTEIRA

Sobre a obra *Pelas Orilhas da Fronteira* do escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo, assim diz Elpídio Reis:

Meus conterrâneos da fronteira Brasil-Paraguai: sentemo-nos. De preferência à sombra duma árvore amiga, que sabe até, de um pé de erva, daqueles bem erados, que já deram muitas folhas ajudando o enriquecimento da região. E até do Brasil.

Se possível tragam dois violões, uma sanfona, uma harpa ou um violino, para as nossas polcas paraguaias. Vamos ter uns bons momentos de festa para nossos espíritos já meio cansados de tantos solavancos pela estrada da vida. É que aí está nosso Escritor dos Ervais, nosso Missionário do Folclore, nosso memorialista com esse novo livro: *PELAS ORILHAS DA FRONTEIRA...*

Acomodemo-nos, conterrâneos. E seria macanudo, de primeira-i-tê, se nos abastecêssemos, também, com um bom chimarrão ou um especial tererê(...). Ouvidos atentos, deixemos, conterrâneos, que um fronteiriço autêntico, ainda usando chapéus de aba larga, poncho puitã, sotaque típico da fronteira, nos conte suas histórias. (SEREJO, 1981, p.5)

As palavras de Reis nos dão uma base da grandiosidade da obra Serejiana e do *corpus* desta monografia.

O livro *Pelas Orilhas da Fronteira* foi escrito no ano de 1981, está no quinto volume em *Obras Completas de Hélio Serejo* organizado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul (IHGMS) com a coordenação do Professor Hidelbrandi Campestrine que reuniu, como dito anteriormente, todas as obras do escritor Hélio Serejo em nove volumes.

A referida obra de Serejo é composta por vinte contos e relatos, são eles:

El Viejto Poincaré
O Padre Barbudo
Os Balbuenas
A espingarda, a rede e o ponchito
Barajo
Os dois maridos vivos
O coice da mula
O catre “ancho” e a rede
A garrafa de pinga especial
Vanêra

Mestre
Cantiga Fronteiriça
Lua Fronteiriça
Cavalo
Sabiá-una
Chuva Fronteiriça
Zé Louco
O “cuestêro” filósofo
Alçaprima
Boi – cará
(SEREJO,1981, p.117)

Tais contos/relatos nos fazem visitar o estado de Mato Grosso do Sul com uma riqueza de detalhes que é um das características da escrita de “nosso Catulo das paixões sul-mato-grossense”, Hélio Serejo que consegue transmitir ao leitor o sentido de estar naquele chão-cultural que a obra retrata.

Sobre a genialidade de Serejo, Jânio da Silva Quadros, Ex-Presidente da República, advogado, professor, escritor, crítico literário, autor de notáveis livros de gramática de língua Portuguesa, descrever a respeito da obra *Pelas Orilhas da Fronteira*;

Interessantíssimo o livro “Pelas Orilhas da Fronteira”. Devorei-o, nesta Semana Santa. São quadros, cromos, bem de nossa gente, com imensa autenticidade. Até o glossário me vai ser útil. Seus livros são belos pialos de imaginação e inteligência. Continue na caminhada do sucesso...

Leio sem me cansar. Vou lendo e dando um gostoso passeio pelo regionalismo e xucrismo de nossa terra. Nesse mister, é um mestre de excelente gabarito.

Hélio Serejo é um cofre guardador das tradições fronteiriças e um excepcional prosador nativista (LINS, 2002, p.29).

Na referida obra, há a exaltação do povo fronteiriço, tanto brasileiro quanto paraguaios. Por tal motivo, a variedade linguística na obra é riquíssima, pois o escritor possui “dotes” de escrita, tanto a linguagem coloquial quanto a padrão. Faz alusões a modismos de Mato Grosso do Sul, usa do famoso dialeto Portunhol selvagem, usa termos em guarani, espanhol e em linguagens indígenas. Segundo Paul Zumthor essas “marcas”, “rumores”, “resíduos” da voz humana no texto escrito, ou seja, o “discurso que fala da própria voz que o carrega” (ZUMTHOR, 2005, p.35). Tal linguagem poética com marcas da oralidade causa uma certa “cumplicidade” com o leitor.;

A voz poética assume função coesiva e estabilizante sem a qual o grupo social não poderia sobreviver. Paradoxo: graças ao vagar de seus interpretes – no espaço, no tempo, na consciencia de si - , a voz poética está presente em toda a parte, conhecida de cada um, integrada

nos discursos comuns, e é para eles referencia permanente e segura (ZUMTHOR, 2005, p.139).

Quanto a essa mistura de línguas, dialetos, traços regionalistas observe alguns exemplos:

Mbaê-tatá (guarani) – Gênio que protege o campo.

Devery (espanhol) – ânus

Gomitava (Linguagem coloquial) – Vomitar.

Sonso (Linguagem coloquial) - Bobo

Magreirota (modismo de Mato Grosso do Sul) – Pessoa bem magra.

Jacaruzando (dialeto fronteiriço) – Comendo.

Yvy-cai (linguagem Indígena) – Pau de macaco (é o nome vulgar de uma árvore).

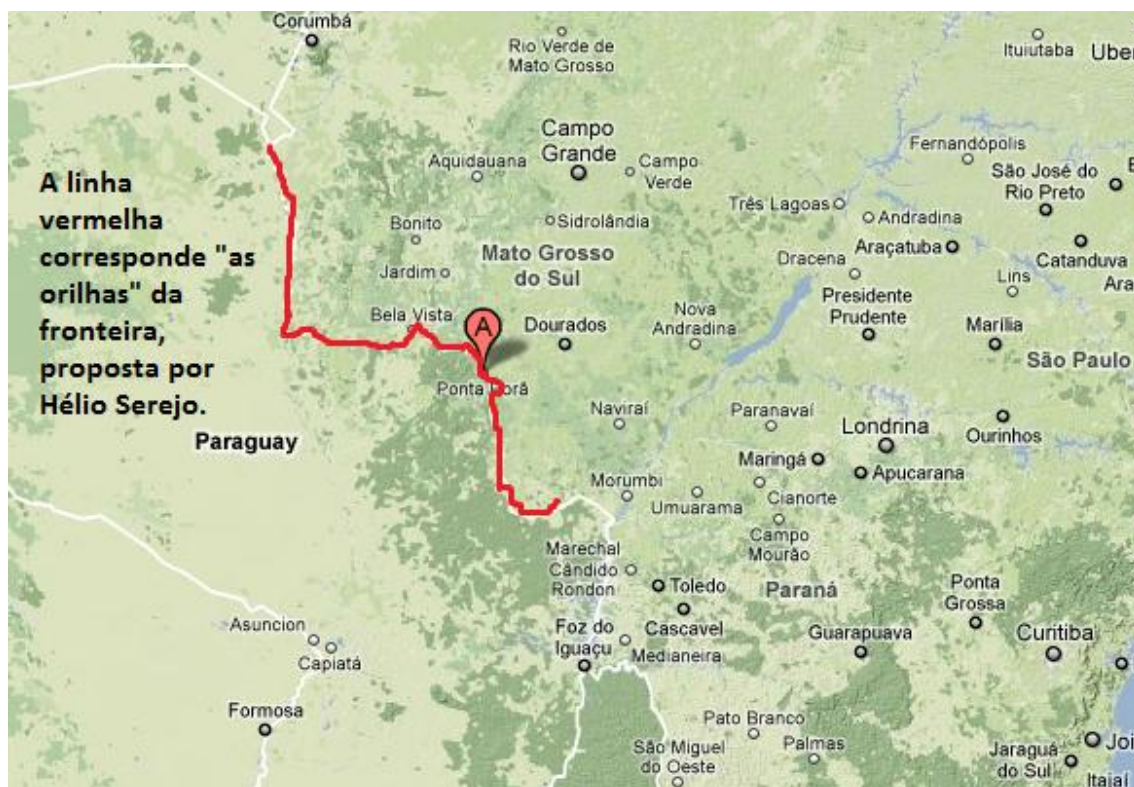
Ainda sobre as variedades linguísticas apresentadas nas obras serejianas, em especial na obra *Pelas Orilhas da Fronteira*, é perceptível nas primeiras páginas da referida obra, como podemos observar em:

El Viejito, não só conseguiu um galpão com uma cama e tudo, como também almoçou e jantou fartamente. Um *platazo bien* surtido que, para isso, Don Quevedo era de *prodigabilidade* elogiada por todos. Não precisava *estar alto no Whisky* para apresentar, como um perfeito cavalheiro, perante o *potentado* ou quando se dirigia ao que lhe vinha bater à porta, solicitando proteção. Gostava de servir, fosse que fosse: era do seu próprio feitio... (SEREJO, 1981, p.11 e 12)

Hélio Serejo era um conhecedor das palavras, usada tal variedade por ser fiel em relatar os fatos tal como eles realmente eram. Como pode ser observado no trecho acima.

Como o próprio título diz, *Pelas Orilhas da Fronteira*, Serejo demonstra em suas palavras, amor pela fronteira e pelos povos fronteiriços. Em todos os relatos da obra é notável tal sentimento. Mas em alguns contos/relatos esse amor transborda com uma linguagem inconfundivelmente serejiana, são eles; Cantiga Fronteiriça, Lua Fronteiriça e Chuva Fronteiriça. Mas antes de abordarmos os relatos acima citados, observem no mapa, os locais que correspondem às Orilhas da Fronteira, local esse que nos remete a uma grande riqueza cultural, pois temos duas culturas distintas, dois povos em contato, fazendo com que surjam novas configurações de modos e costumes, que

obviamente são exaltadas na obra de Hélio Serejo, a começar pelo nome, *Pelas Orilhas da Fronteira*:



Ao observamos o mapa, o ponto “A” a cidade de Ponta Porã, a qual faz divisa com Pedro Juan Caballero, é o local onde se passam muitos dos contos de Hélio Serejo. Ainda vale ressaltar que a cidade de Ponta Porã foi o local sobre o qual mais se escreveu em específico, sendo o modelador de palavras sobre a mesma, o Catulo das paixões sul-mato-grossense Hélio Serejo. A linha em destaque é o chão-cultural e a paixão de Serejo, pois foi onde passou grande parte de sua infância e mocidade. Essas “orilhas da fronteira” é descrita como lugar hospitaleiro de gente amigável, e com muitos adjetivos:

Bem nas orilhas da fronteira com o Paraguai – no aberto da paisagem imensa – como um marco de tradição histórica, se ergue, amiga e hospitaleira, a Fazenda Estrela, bafejada nas tardes mornas, pelos ventos paraguaios e brasileiros, em cadência sentimental de prece. (...) Nessa estância fronteiriça, sempre imperaram a decência, o bom dia de amizade e a hospitalidade – uma tradição que varou os tempos, herança magnífica das raízes avoengas.

No fogo do anoitecer ou das madrugadas gélidas, de vento sibilador e cortante, sempre havia um arroz carreteiro, um viradinho de feijão com mistura de alho, carne de porco picada, conservada na “banha” em latas de gasolina ou querosene, (...) sempre e sempre, o chimarrão e o tereré da preferência de tantos.

Para pernoite, a cama confortável, o catre de pelegos, e a rede lisa ou

colorida. No galpão, a tarimba de boa palha de milho para o carreteiro que quisesse descansar os ossos, vendo pelas frestas, os fiapos do luar da fronteira. Quando o mascate insistidor, o carreteiro de pachorra beneditina, o comprador de boiecos, ou o tropeiro de faces demudadas pelo andejar de muitos dias chegavam, o abraço de boas vindas e a frase crioula imperecível – “apeie amigo, que o rancho é seu!” 16 Um Fronteiriço Legítimo... (SEREJO, 1983, p. 08).

Voltando a abordar os relatos, primeiramente analisaremos o relato “*Chuva Fronteiriça*”, o escritor nos dá uma base de como é a chuva da fronteira, no folclore local. Superstições dos povos fronteiriços são colocadas em uma forma de “cantiga”. Em outro conto de Hélio Serejo denominada *Fiapo de Regionalismo*, em um trecho, Serejo coloca em evidência o amor pelas cousas fronteiriças, em especial a Chuva fronteiriça:

Tenho amor...amor grande pela chuva fronteiriça da minha terra. Chuva que cai devagarzinho que nem dá para assustar a pombinha-rola que caminha, aqui e ali, procurando o farnel que a chuvinha sossegada espantou do esconderijo para buscar o trilheiro dos bichos. A chuvinha fronteiriça rega a terra para que a semente da esperança brote e cresça livremente, produzindo fartura, fartura que traz alegrias põe brilho de fé nos olhos dos viventes...viventes que, de mãos posta, agradece a Deus, porque a chuva criadora choveu na hora certa, por vontade do Pai Eterno, que vela sempre pelo seus filhos amados (SEREJO, 2008, p. 242 – 243).

O amor do escritor por coisas da fronteira é algo espantoso, há chuva em todos os “cantos” do mundo mais a chuva da fronteira, segundo o relato de Serejo, é única e abençoada por Deus

Um fato interessante ocorre em *Lua Fronteiriça*, onde Serejo nos faz “viajar” com os mistérios da lua. O escritor começa tratando a lua como “o grande globo branco”, logo após começa a relatar lendas e fatos sobre, tais como, São Jorge habitava na lua, nos coloca frente ao folclore infantil afirmando que a lua é um “queijo enorme”, a Lenda de Jaci (lua) e da Vitória-Régia. Após fazer um grande passeio por mitologia, crendices, lendas e todas com riqueza de detalhes Serejo começa a relatar fatos, como exemplo, a primeira vez que o homem pisou na lua.

Serejo de uma forma clara e objetiva relata o grande fato histórico que foi mencionado acima, o homem pisar “no grande globo branco”. Observa-se na leitura do referido relato que Hélio Serejo, embora gostasse muito das lendas, das crenças, dos folclores e fatos acerca da lua, o escritor termina exaltando o seu objeto literário, a Lua, mas não aquela que ilumina e inspira os artistas e poetas de todo o mundo. A exaltação

de Serejo refere-se à lua fronteiriça, aquela que o escritor emprega vários adjetivos, andeja, graciosa, bela, divina, soberana e etc. Além de estar cheia de significados paz, amor e esperança. Ainda sobre a lua da fronteira observe a colocação do escritor:

Lua Fronteira... Você foi colocada no alto nas lonjuras do céu, por Deus Nosso Senhor, para iluminar o chão de duas Pátrias amigas. Você sabe que é assim, que é esse, o seu destino: que o seu rendilhado, todinho branco – na alvura da espuma – (...) devem reinar, acima de todas as coisas.

No chão da fronteira imensa – de matas, campos, cerrados e churrascais – você é a rainha soberana, a que governa e manda, porque o Todo Poderoso – o infinitamente bom e sábio – quis que, através do esplendor do seu clarão, nascesse a compreensão e a benquerença, entre os povos de língua diferentes.

Você nasceu para ser, na fronteira, o farol divino que, irradiando claridade, abençoará homens de falar diferente mais irmão no respeito e crença naquele pai nosso Guia-Sublime. (SEREJO, 1981, p.86)

O encantamento de Serejo pela fronteira e a união de tal povo é evidente.

Já em “Cantiga Fronteira”, o escritor afirma com o processo de miscigenação nascem lendas, contos e causos, cantigas etc., pois culturas distintas estão em contato. Logo com essa “mistura” nascem as cantigas que são fruto da imaginação dos povos fronteiriços. Tais cantigas segundo Hélio Serejo, possuem duas vertentes, a primeira como manifestação filosófica e a segunda como chacota, esta é a mais popular, pois vem sempre em forma de piadas e de gozação. Ainda de acordo com o escritor as cantigas nascem de fatos verídicos, e dificilmente terá uma roupagem de fantasia. Observe um trecho que aborda o tema fronteiriço e a relação amigável entre os povos: “Do outro lado...outra raça/aqui torrão brasileiro/salve salve, Paraguai/nosso irmão hospitaleiro” (SEREJO, 1981 p.79).

3.2 “PALAVRÕES”, SEXUALIDADE, ROUBO E VIOLÊNCIA EM “A GARRAFA DE PINGA ESPECIAL”.

Um fato interessantíssimo ocorre no conto “A Garrafa de Pinga Especial”. Sabemos que Hélio Serejo retratava aquilo que via e anotava em sua caderneta de anotações, eis a explicação para o conto aqui abordado, pois o mesmo apresenta uma variedade de delitos, crimes (roubo), palavrões, sexualidade aflorando à pele e violências, além de mostrar os costumes e a linguagem os povos fronteiriços.

O conto é pequeno, mas os traços regionalistas de Serejo estão em evidência, tais como a linguagem, os traços fronteiriços e os palavrões que eram e são algo típico dos trabalhos braçais onde envolve pessoas do sexo masculino. Embora em tal conto relata-se uma “festa Fronteira”. Essa comemoração é um casamento, com muita carne, pão e cachaça, outros aspectos da cultura da fronteira.

Logo no início temos: “Peões borrachudos. Mulheres reboleando as cadeiras, corpo nutrido, pedindo macho. Macho para saciar a violenta fome sexual. A fome do erotismo, dos gritos histéricos, da bestialidade”. (SEREJO 1981, p.68).

Depois vem uma série de palavras de baixo nível. “Palavrões” esses, tanto em português quanto em guarani:

“- Puta La mierda... disgraciáu... ladrone... anhámembiré.”

“- Filho da puta que te pariu... bunda suja... morto de fome... filho da égua... lazarento maldito... irmão de jumento...” (SEREJO 1981, p.69).

Nesse trecho temos um pouco das palavras ditas no conto, ressaltando que anhámembiré significa filho do diabo, uma expressão de mágoa ou rebeldia, que era muito usada nos ervais.

Na referida obra o narrador torna-se personagem. É Hélio Serejo que narra o relato “A garrafa de pinga especial”:

Chegamos ao anoitecer em uma ranchada ervateira, cujo habilitado, de nacionalidade argentina, possuía a fama de ser um autêntico mostro. Era meu companheiro de viagem, o preto sanfoneiro, Domingos Gonçalves, homem de toda confiança de meu pai... Eu era uma vítima da “sarna – braba”. Tinha o corpo em lastimável estado... descí em direção ao arroio para verter água. Era preciso respeitar as mulheres... (SEREJO, 1981, p.71).

Os hábitos e costumes locais também estão presentes na obra, como por exemplo, viajantes pedir pouso em casas de estranhos para no outro dia seguirem

viagem. Um hábito que na atualidade, com os avanços dos meios de transporte e de hotelarias, é difícil depararmos com tal, na obra *Pelas Orilhas da Fronteira* (1981) Serejo e seu companheiro de viagem, usam deste artifício. Além de nos remeter a uma cultura dos tempos passados, o relato nos leva a um lado cruel, que ocorria nas “ranchadas”.

Como dito no início, as festanças fronteiriças eram regadas com muita cachaça, por tal motivo no outro dia, acontecia muitas coisas como exemplo; “cavalo escapou da sogá... O cabreira ficou sem o ponchilho. O rabo-de-tatu desapareceu... Roubaram a peiteira argolada...” (SEREJO, 1981, p.69).

Certamente, houve uma dessas festas na ranchada em que Serejo e seu companheiro passaram a noite, pois no outro dia Serejo, sai de perto das pessoas para coçar-se e depara com uma cena, segundo o escritor, desumana;

Foi quando deparei com um quadro que pela bruteza me transformou em uma estátua de pedra. A custo me reanimei, conseguindo movimentar os passos em direção às montarias... um velho de pouca barba e escassos cabelos, sem camisa e de chiripá, com o peito e braços lanhados de chicotaços, estava amarrado a uma árvore, onde passara a noite.

Tinha os pés horrivelmente inchados e uma faixa vermelha, na volta de apoio, do surrado chiripá, onde o sangue se coagulava (SEREJO, 1981, p.71).

No referido texto, vemos que o estado de calamidade do personagem justifica-se pelo fato de ter sofrido tantos maus tratos como chicoteadas e por ficar amarrado a uma árvore.

Um fato com tamanha brutalidade nos faz questionar se esse fato é ou não verídico. O texto nos remete a uma afirmação da veracidade dos fatos, embora saibamos que os contos de Serejo, na grande maioria são fatos que realmente aconteceram, mas por relatar tantas coisas que na nossa cultura atual é algo desprezível, levantaremos alguns pontos que reafirmam tal veracidade:

O nome do mostro que eu havia resolvido enfrentar? Filpo, por exemplo, ou Filpo Nunes, ou filpo qualquer coisa. Ocultando o nome não ferirei os descendentes, uma vez que culpa alguma lhes cabe pelos muitos desatinos praticados, com requinte de crueldade, pelo perverso fazedor de erva (SEREJO 1981, p.72).

Observemos no trecho acima que o escritor preocupa-se com a segurança dos descendentes, pois o ato relatado é extremamente cruel. Outro fato que nos mostra a veracidade é no momento em que o escritor afirma que tinha dezesseis anos de idade

quando aconteceu o relato. São pequenas observações que contam no conto aqui abordado que nos direcionam a veracidades do acontecido.

Ao fim da obra Serejo e seu companheiro falam com o “homem mau” e ele resolve soltar aquele que se encontrava amarrado, por ter se “apossado” de uma garrafa de pinga, mas antes de fazer tal, ainda desfere algumas chicoteadas para reforçar a “lição” de nunca roubar algo de alguém.

A linguagem do relato é rica, assim como todos os contos serejianos, usa uma variedade linguística que enriquecem a obra, observe:

Habilitado – aquele que conquista o direito temporário de fazer erva para a Empresa Erva Mate Laranjeira;

Arrias – animais (burros, mulas e cavalos) empregados no transporte do mate;

Braba – Brava

Aguentar o tranco – suportar algo;

Estirão muito grande – caminho muito longo;

Inducado – Educado

Chiripá – corte de pano que envolve a cintura, até as coxas usado como uma espécie de calça curta;

Lanhado - Cortado, marcado profundamente;

É possível observarmos a grande riqueza de linguagem empregada no referido conto.

Diz-se ao final que muitos anos se passaram e aquele homem Mau, havia sido morto com três tiros no peito e seu filho (o qual o ajudava em suas perversidades) tornou-se um alcoólatra e encontrava-se preso em um galpão pelo crime de roubo.

Assim termina “A Garrafa de Pinga Especial”

3.3 CONTRASTES EM “EL VIEJITO POINCARÉ”

O conto “El Viejito Poincaré” passa-se no ano de 1936, nos ervais, na ranchada de Don Chico Serejo, que é o pai de Hélio Serejo, e é o primeiro conto da obra *Pelas Orilhas da Fronteira* (1981).

Logo de início temos um grande contraste na obra ao relatar a forma física e a chegada de Poincaré, o personagem principal do conto, no momento em que tem contato com o narrador: “As sombras estavam envolvendo o dia em uma roupagem escura. Era a noite que se aproximava... justamente, nesse lusco-jucro...” e continuando

descreve o personagem Poincaré chega, “aquela homem midinho, sem barriga, cabelos loiro, rosto liso, boca pequena, dentes graúdos e fortes, (...), fala macia, olhar de vivacidade leonina chegou a Pedro Juan Caballero” (SEREJO, 1981, p.11) É possível observarmos que tal contraste encontra-se no ambiente com a figura do chegante, entre dia/noite, lusco – fusco, fim/começo reescrita da história obscura de Poincaré, entre escuridão e os detalhes nítidos que revelam ou esconde o tipo frágil de Poincaré com “vivacidade leonina”.

Tal conto nos envolve e faz retroceder da forma de vida, nos trabalhos nos ervais. No conto “El Viejito Poincaré”, há o encontro entre o deslocado (Poincaré) e do estático (arroio da esperança). O Estático com necessidade de mão de obra e o Deslocado procurando trabalho, um ambiente que houvesse uma oportunidade de trabalho, assim era nos ervais nos períodos de povoamento visando a exploração deste produto, pois a erva tinha um grande valor no mercado.

Nessas *ranchadas*, que eram agrupamentos de ranchos nos ervais, havia miscigenação de povos, pois nestes se encontravam povos de hábitos, línguas e de cultura diferentes, quando precisava de mão de obra, bastava ao *conchavador*, aquele que contrata os peões, saber-lhe apenas o nome, e se o sujeito em questão se interessava pelo trabalho nos ervais, de resto nada convinha saber.

Assim foi com o personagem aqui em questão. O personagem ao chegar não apresentou nenhum tipo de documento, como anteriormente foi demonstrado, no trabalho nos ervais não convinha saber o nome de alguém, nem tomar conhecimento de sua documentação, apresentou-se como Poincaré, “como estava um pouquinho avançado em idade e era assustadoramente franzino, ficou sendo *El Viejito Poincaré*”(SEREJO, 1981, p.11).

Há alguns fatos interessantes no conto, a cultura oral, Poincaré era um contador de anedotas e “causos”, a medicina natural com o uso de ervas, folhas, cipós e raízes, a mistura de cultura gastronômica quanto ao uso de chimarão (hábitos do extremo sul do país) e do assado de charque com farinha e galheta (a galleta vem da cultura paraguaia, o charque corresponde a hábitos da região sul do Brasil, e a farinha da região norte). Temos então, uma miscigenação cultural, riquíssima em novas configurações de identidade.

O texto aqui abordada, em muitos trechos Serejo deixa transparecer de uma forma clara seu amor incondicional pelo estado de Mato Grosso do Sul, assim o faz ao

narrar a Lua que começa a aparecer dentre a mata, “o seu clarão venceu o compacto da floresta, aquela paisagem singular, ficaram vestidas de um branco de beleza estonteante” (SEREJO 1981, p.14). Observemos que Hélio Serejo coloca a paisagem como singular, que não há outra que se iguale frente à imponente paisagem sobre o brilho da lua, paisagem esta do sul de Mato Grosso e atual Mato Grosso do Sul.

O enigmático Poincaré mostra-se confiante, solícito, prestativo começa a despertar desconfiança por parte Don Serejo. Pois em momento algum o personagem se retirava da ranchada, sempre apresentava alguma desculpa.

Por infortúnio do destino, El Viejito Poincaré pega uma maleita e Don Serejo foi quem cuidou do mesmo. Aos cuidados do “enfermeiro” por circunstância, descobri-se que Poincaré era *teniente secundo de caballeria* em *Asución Del Paraguay*. Após tal descoberta, o pai de Hélio Serejo começa a investigar o passado obscuro de Poincaré. Após um diálogo franco entre patrão e funcionário, o personagem aqui abordado relata que realmente ocupava o cargo de segundo tenente e que matou muitos homens e mulher e tinha como lema “na guerra como na guerra”, e ao fim da guerra fora traído e para todos seus companheiros de luta, havia uma só ordem, capturar e degolar. Foi assim que aquela simpática pessoa surgiu em Ponta Porã e conheceu a vida nos ervais, sendo ele simpatizado com o Brasil, fugiu para o outro lado da “linha”.

A partir de então o ser simpático, comunicativo, contador de causos e anedotas passou a ser afastado, calado, enigmático tornou-se outro homem.

Depois de fatídicos fatos surge o personagem bugre Likaua. Aqui vemos que a riqueza linguística empregada é de suma importância, emprega-se o linguagem popular, linguagem típica do sul de Mato Grosso; Cuéra – aquele que é bom no que faz; No ta bien – não está bem/ pique – caminho estreito, dentre outras frases que caracterizam a obra.

Na atualidade muito se discute sobre as consequências do pós-guerra, pessoas que voltam com traumas psicológicos com transtorno mental por parte dos ex-combatentes. Com Poincaré não foi diferente. Ao tentar tirar a arma do bugre Likaua, o personagem foi dominado e amarrado, logo levado a ranchada. Logo, todos ao seu redor percebem que ele é um alienado mental, por conta da sangrenta guerra a qual enfrentou.

O El Viejito Poincaré, aquela pessoa amiga, comunicativa, na verdade durante todo o tempo escondeu quem realmente foi. No fim do relato, surge a verdadeira face do

personagem, mostrando um grande contraste no que foi passado durante a longa vivência no erval:

E o doente, atacado de loucura? As informações colhidas de fontes fidedignas por Don Chico Serejo, foram estas: “El Viejito Poincaré”, na revolução que eclodiu com a finalidade de derrubar o partido político dominante, fora um demônio, um verdadeiro monstro, investido no posto de *teniente segundo*. Era um alucinado, um revoltoso sem entranhas, calculista de sangue frio, ignóbil. Sabendo tratar-se de “gente do governo”, sua ira crescia, ao lado de uma ferocidade indescritível. Jamais poupou o adversário, nem mesmo mulheres e crianças. Era um ser humano carregando, dia e noite, um turbilhão de ódio no coração.

Transformou-se, em pouco tempo, em figura legendária, tal o seu poder de maldade. Nunca teve piedade. Nunca Perdoou.

Em seu físico mirrado, bamboleando, estava a encarnação de um tipo hediondo, de um assassino exacrável de uma besta-fera, cuja maquiavelismo aterrorizava a todos (SEREJO, 1981, p.24).

Outro contraste é a figura de um homem indefeso, onde esconde um verdadeiro monstro assim como acima relata Serejo, que mostra realmente quem foi *El Viejito Poincaré*.

Por conta da doença, Poincaré acaba retornando ao Paraguai onde, segundo Serejo, não se sabe ao certo se foi fizilado ou degolado. Mas para sempre no arroio, tudo tinha a figura daquele que alegrou a “peonada”. Sua presença estava em tudo: *raído, arrias, piques, barbacuá, sapeco, acaê* e todas as espécies de *tape*.

Vale ressaltar que tais termos e seus significados:

Raído – carga de folhas do mate que o mineiro traz as costas.

Arrias – Animais empregado para o transporte do mate.

Piques – trilho aberto, toscamente, na mata virgem.

Barbacá – Jirau na forma côncava, erguida sobre um buraco.

Sapeco – ato de passar as folhas por um fogo violento.

Acaê – gralha de grito forte, muito comum nos ervais.

Tape – caminhos, estradas.

Enfim, Poincaré estava em todos os cantos do erval, estava marcado por aquela figura simpática a qual havia contagiado a todos, por essas e outras se mudou o nome da ranchada de “Mbaracá” para “Rancho Poincaré”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas acerca da miscigenação dos povos sul-mato-grossense são de suma importância, pois retratam nossa identidade, explicam nossas origens. Hélio Serejo nos retrata de uma forma clara tal tema.

As obras do escritor Hélio Serejo são expoente para literatura sul-mato-grossense e retratam as nossas diversas identidades, “marcam” nossos hábitos e costumes, dando ênfase aos povos fronteiriços, a nossa cultura miscigenada, base dos povos de Mato Grosso do Sul.

Nesta monografia mostramos um pouco das riquezas que o estado possui, um pouco de nossa herança cultural, além de exaltar a vasta obra de um verdadeiro sul-mato-grossense, Hélio Serejo, aquele que não conta a história, mas o que a viveu.

Por fim, estudar a obra de Serejo, analisar Regionalismo e o estado de Mato Grosso do Sul é fazer uma “viagem” às nossas origens, é descobrir nossas singularidades e assim exaltá-las, assim como o fez Hélio Serejo. Estudar tal objeto literário é um campo propício e fértil para pesquisas de mestrado, ao qual se aprofundará mais a respeito do estado de Mato Grosso do Sul e obras com fundo regionalista.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Oswald. **Poesia Reunida**

ALAMBERT, Francisco Alambert, **A semana de 22 A Aventura Modernista No Brasil** – São Paulo, Vozes, 1992.

CAMPESTRINI, Hildebrando, **O trilhador de todos os caminhos** – Campo Grande/MS, Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHGMS), 2008.

CANCLINI, Nestor Garcia, **Cultura Híbridas**. São Paulo/SP, EDUSP, 2003.

CANDIDO, Antonio, **A Educação Pela Noite e outros Ensaio** – São Paulo, Ática, 2003.

COUTINHO, Afrânio, **A Literatura no Brasil, volume 04** – São Paulo/SP, Global, 2004.

CHACAROSQUI E OLIVEIRA, **Mistura e diversidades – Reflexões diversas sobre arte e cultura contemporâneas** – São Carlos/SP, João e Maria, 2012.

FIGUEIREDO, Eurídice, **Conceitos de Literatura e Cultura** – EdUFF/UFJF, 2010.

HOLANDA, Aurélio Buarque/Dicionário Novo Aurélio XXI, 1999.

LEITE, Lígia Chiappini Morais, **Regionalismo e modernidade** – São Paulo/SP, Ática, 1978.

LINS, José Pereira, **O Sol dos Ervais; Exaltação à Obra Literária de Hélio Serejo** – Dourados/MS, Dinâmica, 2002.

NOLASCO, Edgar Cezar, **Arte Cultura e Literatura em Mato Grosso do Sul; Por uma concepção da identidade local** – Campo Grande/MS, Live, 2011.

NOLASCO, Edgar Cezar, **Perto do coração *selbaje* da crítica *fronteiriza*** – São Carlos/SP, João e Maria, 2013.

NOLASCO, Edgar Cezar e Marcos Antônio Bessa, **A Reinvenção do Arquivo da memória cultural da América Latina** – São Paulo/SP, Pedro e João, 2010.

NOLASCO, Paulo Sérgio, **Fronteira Local Roteiro para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense** – Campo Grande/MS, UFMS, 2008.

NOLASCO, Paulo Sergio, **Entretextos Crítica comparada em literaturas de fronteiras**, Campo Grande/MS, Live, 2012.

NOLASCO E BARZOTTO, Paulo Seregio e Leoné Astride, **Literatura – Interseções – Transversões** – Dourados/MS, UFGD, 2013.

PICCHIO, Luciana Stegagno, **Historio da literatura brasileira** – Rio de Janeiro, 1997.

PINHEIRO E NETO, Ervais, **Pantanaís em Mato Grosso do Sul** – Dourados/MS, UFGD, 2013.

RUSSEFF, MARINHO E NOLASCO, **Ensaíos Farpados, arte e cultura no pantanal e no cerrado** – Campo Grande/MS, UCDB, 2004.

SEREJO, Hélio, **Pelas Orilhas da Fronteira** – Curitiba/PR, 1981.

SERLEY DOS SANTOS E SILVA. Hélio Serejo; as faces da memória no universo do poeta ervateiro. [HTTP://www.midiamax.com/pontodevista/?pon_id=627](http://www.midiamax.com/pontodevista/?pon_id=627). > Acesso em 16 maio 2015 as 15h e 38min.

SILVA, LARA E MENEGAZZO, **Estudos de Linguagem; Inter-relação e Perspectiva** – Campo Grande/MS, UFMS, 2003.

SHAW, Harry – **Dicionário Literário Shaw**, 1982.

_____. **Obras Completas**. Campo Grande. Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 2008. (V. 1 ao V. 9).

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e Modernismo brasileiro**. Petrópolis, Vozes, 1973.

ANEXO

HÉLIO SEREJO

**Pelas Orilhas
da Fronteira...**



O Formigueiro